



Um estudo sobre fenômenos repetitivos e a compulsão à repetição

Romualdo Romanowski*, Porto Alegre

O autor revisa o conceito de compulsão à repetição na obra de Freud e de alguns autores pós-freudianos que abordaram o tema, tecendo considerações quanto a mudanças de seu significado, tanto em Freud quanto nos demais, bem como sua relação com outros fenômenos repetitivos. Evidencia dois momentos na obra freudiana no que toca ao conceito e algumas contradições contidas em Freud e nos autores posteriores ao abordarem esse tema. Discute também suas implicações tanto na teoria quanto na técnica psicanalíticas no passado e atualmente, acrescentando exemplos clínicos.

Descritores: Compulsão à repetição. Instinto. Instinto de morte. Princípio do prazer. Ego. Trauma.

* Membro da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.



I. Introdução

Freud afirmou ser uma característica dos impulsos instintivos a sua tendência a repetir-se compulsivamente, tendo, ademais, introduzido (1919/1920) a noção da existência de uma compulsão à repetição que contrariaria o princípio do prazer. Além disso, a partir do momento em que procurou uma explicação dinâmica para a repetição compulsiva, firmou um posicionamento relacionando às razões desta repetição com o desprazer e a morte, embora também tenha salientado aspectos progressivos nas repetições. Ele embasou parcialmente a hipótese sobre a compulsão à repetição nas chamadas neuroses do destino, ligando-a a uma tendência demoníaca, inexorável. Isto foi um dos pilares de sua controversa teoria dos instintos de morte. Do exame de suas obras conclui-se que ele foi conduzido gradualmente à teoria dos dois instintos primários por necessidades clínicas e dificuldades de explicação da dinâmica mental pelas ideias iniciais. Desta maneira, pode-se entender por que “[...] aqueles que acreditam no Instinto de Morte estão prontos para responder que *Além do princípio do prazer* não é uma breve inspiração no trabalho de Freud, mas inegavelmente a posição final que adotou em seu pensamento” (Robert, 1966, p. 335).¹

Julgo, entretanto, difícil, a priori, uma afirmativa a respeito da origem e do objetivo dos impulsos repetitivos, mesmo compulsivos, e se dizer se estão ligados ao prazer, ao desprazer ou talvez a qualquer outra finalidade. A repetição continuada, compulsiva, pode transformar o agradável em desagradável, o bom em mau, porém não se pode negar a importância que ela tem para o aprendizado, por exemplo. A elaboração decorre da repetição, embora igualmente se constate que o que foi repetido com tal finalidade pode, se ultrapassados certos limites, transformar-se em jugo, em obediência automática e sofrida, como nos rituais obsessivos. Há um momento natural em que a repetição está a serviço da necessidade de conhecer e de dominar o estranho, é necessária. A mesma repetição, adiante, cria o risco de saturação e sofrimento. A observação corriqueira de crianças é pródiga de exemplos: pedem sempre a mesma história, contada sempre com as mesmas palavras. Isto pode ser fonte de desprazer para o contador, mas para os pequenos ouvintes o agrado é evidente; é óbvio que estão dominando ansiedades despertadas pelas fantasias ligadas ao assunto da narrativa. Outro aspecto do conhecimento geral é que palavras, atitudes e gestos de amor que não variam tornam (após um tempo em que foram imprescindíveis) a ligação monótona.

¹ N.R.: todas as traduções neste trabalho foram feitas pelo autor.



Não devemos esquecer a dupla conotação da palavra *monótono*, que tanto significa a repetição no mesmo tom, como também quer dizer *enfadonho*, *fastidioso*. O ato sexual, no entanto, em seus aspectos fundamentais é constituído de processos repetitivos, prazerosos, ligados ao amor e à vida. A relação amorosa adulta repete atos e comportamentos ao longo do convívio; caso contrário, a relação permaneceria no nível adolescente, sem ligação objetal firme, com a troca incansável de companheiros.

Dada a frequência com que os fenômenos repetitivos se fazem presentes em nossa tarefa clínica, o assunto atraiu-me a atenção e levou-me a pesquisar a bibliografia psicanalítica sobre o tema. Pretendo agora, neste trabalho, apresentar o apanhado geral do estudo que empreendi sobre as repetições automáticas com a finalidade, precíua para mim, de compreender mais a fundo estas atividades.

Pessoalmente, estudando o problema na produção freudiana e nas pesquisas e teorias de outros autores, bem como pelo exame de minha experiência clínica, cada vez mais fui levado à convicção de que as repetições, mesmo as compulsivas, estão a serviço da função ego. Demonstram não a existência de uma força *demoníaca* que visa à aniquilação do indivíduo, mas sim evidenciam o trabalho do ego, que busca, exitosamente ou não, organizar e harmonizar a vida psíquica. Não é uma afirmativa original, nem ambiciona sê-lo. Nas páginas seguintes, sem pretender ter conseguido abarcar todos os ângulos da questão e, talvez, sendo atingido pela confusão a ela inerente, visarei mostrar as bases em que repousa meu posicionamento.

Quero deixar estabelecido que não é minha meta entrar em discussões doutrinárias a propósito do instinto de morte, seja na formulação de Freud, seja na acepção aceita pela escola kleiniana. Apesar disto, não poderei me furtar a mencionar em várias passagens o instinto de morte, dada a proximidade dos conceitos em alguns ensaios de Freud.

Já de início verifiquei que, seja na prática, seja na consecução de um trabalho teórico, é bastante ingrato tentar-se separar o que é chamado *compulsão à repetição* do que constitui um *automatismo*, ou do que se poderia designar simplesmente de *fenômenos repetitivos*. A dificuldade de estabelecer nítida separação entre os fenômenos citados é encontrada não apenas ao longo da obra de Freud (compreensível, por ter sido ele o primeiro explorador do assunto e, portanto, quem enfrentou mais percalços no terreno ainda virgem), como também é verificada nos trabalhos dos demais autores consultados. Penso que isto se deve a que, possivelmente, todos esses fenômenos possuem uma origem comum e o sucesso ou fracasso da função ego é que ditará seu possível destino e consequências.



Pode parecer até óbvio o que acabo de afirmar e, portanto, supérfluo o relato do estudo proposto. Lembro, entretanto, que a questão ainda é levantada pela realização de discussões onde vários aprofundamentos são verificados, mas sem que o tema seja considerado esgotado, como ocorreu no *Painel* da Associação Psicanalítica Americana em 1964 (Gifford, 1964). Autores diversos, mesmo recentemente, surgem com contribuições que se chocam entre si, nas quais afirmam, por exemplo, ser a compulsão à repetição apenas a manifestação de mecanismos de defesa (Halevi, 1978), ou onde fazem referência à compulsão à repetição tal como descrita por Freud em 1920 (Kestenberg, 1980), ou mesmo propõem que seja revista a teoria de uma possível estrutura do id, por julgarem que o funcionamento da compulsão à repetição é qualitativamente diferente do funcionamento da satisfação de desejos (Cohen, 1980). Outros ainda há (Heilbrun, 1979) que procuram, através da neurobiologia, da neuroquímica e da neurofisiologia, subsídios para esclarecer ou fortalecer especulações freudianas (inclusive a própria teoria do instinto de morte), e sendas atraentes foram aí abertas. Não discutirei os argumentos ou méritos desses trabalhos, apenas os menciono para mostrar como, a despeito de parecer solucionado e encerrado para alguns psicanalistas, o assunto ainda é intrigante e questionável para outros.

II. A contribuição de Freud

As contribuições de Freud a respeito dos fenômenos repetitivos podem ser esquematicamente divididas em dois períodos. O primeiro destes períodos inclui seus trabalhos publicados até 1919-1920. A partir de *O estranho* e *Além do princípio do prazer*, correspondendo à alteração na teoria dos instintos, apresenta um conceito da compulsão à repetição em bases diferentes do anterior. Farei primeiramente uma revisão cronológica de seus trabalhos e a seguir tecerei alguns comentários críticos a respeito.

O interesse de Freud pelos fenômenos repetitivos surge cedo em sua obra. A observação clínica de comportamentos da vida diária levou-o a escrever em *A dinâmica da transferência* (Freud, 1912):

Deve-se compreender que cada indivíduo, através da ação combinada de sua disposição inata e das influências sofridas durante os primeiros anos, conseguiu um método específico próprio de conduzir-se na vida erótica – isto é, nas pré-condições para enamorar-se que estabelece, nos instintos que satisfaz e nos objetivos que determina a si mesmo no decurso daquela.



Isto produz o que se poderia descrever como *um clichê estereotípico (ou diversos dele) – constantemente reimpresso – no decorrer da vida da pessoa*, na medida em que as circunstâncias externas e a natureza dos objetos a ela acessíveis permitam, e que decerto não é inteiramente incapaz de mudar frente a experiências recentes [...] Se a necessidade que alguém tem de amar não é inteiramente satisfeita pela realidade, ele está fadado a aproximar-se de cada nova pessoa que encontre com idéias libidinosas antecipadas; e é bastante provável que ambas as partes de sua libido, tanto a parte que é capaz de tornar-se consciente quanto a inconsciente, tenham sua cota na formação desta atitude (Freud, 1912, p. 133-134, grifo meu).

Quando aqui Freud relaciona o *método específico de conduzir-se* e o *clichê estereotípico constantemente repetido* com a interação das primeiras influências e a disposição inata, nos faz pensar em sua posterior hipótese acerca da compulsão à repetição, onde ela adquire o característico dos impulsos instintivos, mas ele, nesta época, ainda não havia encaminhado a teoria para tal rumo.

Nesta etapa, os pontos básicos de sua formulação referiam-se às repetições – dentro e fora do tratamento – como ligadas a problemas libidinosos. Apesar disso, ele já chamava a atenção sobre a transferência tanto de sentimentos amorosos quanto de sentimentos hostis, bem como à possível ocorrência de frustrações que deteriam tais tendências, propiciando seu retorno futuro.

Durante a análise, a resistência tenderia a fazer com que a ação substituísse a recordação. Freud salientava este aspecto negativo, porém ao mesmo tempo via a importância positiva, para o prosseguimento da análise, da repetição desses modelos inalterados. Apontava que “[...] não se deve esquecer que são precisamente eles que nos prestam o inestimável serviço de tornar imediatos e manifestos os impulsos eróticos ocultos e esquecidos. Pois, quando *tudo* está dito e feito, é impossível destruir alguém *in absentia* ou *in effigie*.” (Freud, 1912, p. 143).

Como vemos, a perspectiva da utilização dos fenômenos repetitivos manifestos na transferência faz com que eles sejam encarados com benevolência e até como aliados inestimáveis para a consecução do objetivo terapêutico. Descreve, portanto, não só os aspectos negativos das repetições, como também os positivos. O conceito da compulsão à repetição viria a surgir em 1914a, em *Recordação, repetição e elaboração (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise)*. O indivíduo, incapacitado de recordar seus impulsos ou atitudes ou ainda sentimentos infantis, acaba revivendo-os no tratamento de maneira concreta. Assim se expressa Freud:



[...] o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas o expressa pela atuação ou atua-o (*acts it out*). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o sem, naturalmente, saber que o está repetindo [...] Enquanto o paciente se acha em tratamento, não pode fugir a esta compulsão à repetição e, no final, compreendemos que esta é a sua maneira de recordar (Freud, 1914a, p. 196-197).

Fica explícita a relação marcada entre a compulsão à repetição e a transferência, o que levou Daniel Lagache (1956) a afirmar que a teoria do automatismo da repetição estava prestes a ser enunciada aí por Freud, o qual, no entanto, não desenvolveu mais sua linha de raciocínio sobre o assunto neste ensaio. Insiste, em 1914a, no aspecto compulsivo da repetição transferencial, mas a causa da transferência não é imputada a uma particular *compulsão à repetição* e sim às *resistências*.

É chamativo o valor que Freud já atribui aos conteúdos desfavoráveis (fato que também despertou a atenção de Lagache em seu estudo acerca do desenvolvimento das ideias de Freud sobre a transferência), o que pode ser bem comprovado na citação que segue:

Aprendemos que o paciente repete ao invés de recordar e repete sob as condições da resistência. Podemos agora perguntar o que é que ele de fato repete ou atua (*acts out*). A resposta é que repete tudo que já avançou a partir das fontes do reprimido para sua personalidade manifesta – suas inibições, suas atitudes inúteis e seus traços patológicos de caráter. Repete também todos seus sintomas no decurso do tratamento (Freud, 1914a, p. 198).

É oportuno aqui um parênteses para assinalar que, em anos subsequentes (1919 e principalmente em 1920), Freud colocaria, de modo incisivo, o acento técnico nas repetições desprazerosas e incontroláveis, que caracterizariam para ele o aspecto *demoníaco* da compulsão à repetição. Em 1914a, vemos que os perigos do *acting out* são salientados, paralelos à intensidade da resistência com o conseqüente bloqueio da recordação. A repressão seria reforçada como resposta imediata a uma transferência muito intensa ou hostil.

A decorrência é que “[...] o recordar imediatamente abre caminho à atuação (*acting out*). Daí por diante, as resistências determinam a seqüência do material que deve ser repetido” (Freud, 1914a, p. 198). Apesar de tudo, volta a acentuar que a repetição (porque constitui no momento a única maneira de o indivíduo



relembrar) *pode ser útil*; o manejo da transferência, na medida em que consegue reverter a tendência a atuar para a recuperação do recordar, é a única forma de auxílio para o paciente.

Freud reafirma a interrelação entre a transferência e a repetição com as seguintes palavras: “Logo percebemos que a transferência é, ela própria, apenas um fragmento da repetição e que a repetição uma transferência do passado esquecido, não apenas para o médico, mas também para todos os outros aspectos da situação atual” (Freud, 1914a, p. 197).

Ele defende em 1914a, de maneira aproximada, seu posicionamento de 1912. Ao sustentar que a compulsão à repetição – que acaba fazendo com que a neurose de transferência substitua a neurose comum do paciente – pode ser tornada inócua e na verdade necessária, não diz, em essência, algo diferente das conclusões a que chegara naquela ocasião. Seu pensamento é claro: “A partir das reações repetitivas exibidas na transferência, somos levados ao longo dos caminhos familiares até o despertar das lembranças que aparecem sem dificuldades, por assim dizer, após a resistência ter sido superada” (Freud, 1914a, p. 201).

O prosseguimento de seus escritos mostra, em 1915 (*Os instintos e suas vicissitudes*), uma afirmativa que, embora sem atingir diretamente o conceito da compulsão à repetição, indicava, todavia, uma alteração na teoria dos instintos com repercussões futuras. Nesta data passou a considerar que os instintos do ego também possuiriam componentes agressivos. A agressividade ainda não era considerada independente dos instintos do ego, mas a caminho de sê-lo.

Pouco tempo depois, visto que a agressividade dos instintos do ego não conseguia explicar certos fenômenos masoquistas, propôs-se novamente a reestudar o assunto. Em *Luto e melancolia* (1917-15), a necessidade de autocastigo, a busca da dor e a depressão melancólica foram por ele encaradas como expressão das tendências destrutivas voltadas contra o próprio indivíduo. Examinando a questão, escreveu Bibring (1936): “Estas manifestações das quais o ego deve defender-se, tal como teve que defender-se dos impulsos libidinais, não podem explicar-se facilmente como devidas à agressividade dos instintos do ego” (p. 847).

Pelos trabalhos citados, observa-se que, até esta data (em que se encerra o primeiro período de sua contribuição ao tema), Freud descrevia a compulsão à repetição como uma forma (expressa através do *acting out*) de o reprimido se manifestar. Embora tenha acentuado as considerações sobre a repetição de material agressivo ou negativo, também ficam evidentes referências à presença constante de repetições úteis e necessárias no psiquismo.

A partir de 1920 e, mais particularmente ainda, após *O ego e o id* (1923), com o enunciado da teoria estrutural, as tendências agressivas passam a ser



encaradas como independentes. A agressão é estudada como parte fundamental da dualidade instinto de morte e instinto de vida. Deste ponto em diante, a hipótese dos instintos primários veio a substituir, na teoria, o enunciado anterior que colocava o confronto em termos de instintos do ego e instintos sexuais.

O conceito da compulsão à repetição foi decisivo para a modificação da teoria dos instintos e formulação da hipótese da existência do instinto de vida e do instinto de morte. Pode-se dizer que aí, verdadeiramente, começam as dificuldades neste assunto. De fato, as observações clínicas anteriores apresentavam a descrição dos fenômenos repetitivos e da própria compulsão à repetição como algo inquestionável. O mesmo não sucedeu com as especulações que enlaçaram a hipótese do instinto de morte com a compulsão à repetição.

Freud reconhecia em 1920, nas primeiras linhas do capítulo IV de *Além do princípio do prazer*: “O que se segue é especulação, amiúde especulação forçada, que o leitor tomará em consideração ou porá de lado, de acordo com sua predileção individual. É mais uma tentativa de acompanhar uma idéia sistematicamente, só por curiosidade de ver até onde ela levará” (p. 39).

Relembremos, entretanto, que Freud na realidade seguiu esta ideia até o fim de sua obra teórica. A escola kleiniana (Heiman, 1962) apoiou esta especulação; percentagem significativa de autores (Bibring, 1943; Gifford, 1964), porém, tende a criticá-lo exatamente por haver deixado de lado, nesta altura, o método científico que utilizava sempre para fazer concessões ao pensamento especulativo.

Além do princípio do prazer é uma das obras centrais e assinala um dos momentos de modificação profunda e acréscimo na teoria psicanalítica. Nela, Freud acentuou a relação entre a nova formulação que fez (o conceito de instinto de morte) e a compulsão à repetição. Certamente por este motivo é o trabalho mais citado quando os diversos psicanalistas se referem à compulsão à repetição. Cabe, entretanto, frisar que Freud, de acordo com o que foi visto nas páginas anteriores, muito antes havia feito assinalamentos sobre as reações repetitivas, embora de maneira descritiva, sem grandes aprofundamentos dinâmicos.

A compulsão à repetição já fora descrita detalhadamente em 1919 no ensaio *O estranho* (*Das Unheimliche*- que também pode ser traduzido por *O sinistro*). Começa aí a tentativa de uma explicação dinâmica. Neste particular, *O estranho* é uma obra importante e não devidamente reconhecida em todo o seu valor. Pouco destaque é dado ao *O estranho* em muitas discussões e trabalhos publicados sobre o tema (Bibring, 1943; Kubie, 1939), talvez porque, em 1919, Freud ainda não falara do instinto de morte; os estudos subsequentes sobre o instinto de morte, sem dúvida, polarizaram mais as atenções que a investigação isolada sobre a compulsão à repetição. Os conceitos (compulsão à repetição e instinto de morte)



são habitualmente apresentados como interdependentes, quando não até confundidos. Isto pode fazer com que, erroneamente, se julgue que ambos surgiram ao mesmo tempo na teoria, o que realmente não aconteceu. Em 1920 foram por Freud ampliados os estudos sobre a compulsão à repetição; dentre alguns trechos pertinentes de 1919, porém, já se pode recolher o seguinte, onde se encontram condensados vários pontos de vista de suas origens e consequências (Freud, 1919):

[...] é possível reconhecer, na mente inconsciente, a predominância de *uma compulsão à repetição, procedente dos impulsos instintivos e provavelmente inerente à própria natureza dos instintos – uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio do prazer*, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco, e ainda muito claramente expressa nos impulsos das crianças pequenas; uma compulsão que é responsável também por uma parte do rumo tomado pelas análises de pacientes neuróticos. Todas estas considerações preparam-nos para a descoberta de que o que quer que nos lembre esta íntima “compulsão à repetição” é percebido como estranho (sinistro) (Freud, 1919, p. 297-298) (grifo e parênteses meus).

Observamos no excerto acima um registro da origem inconsciente da compulsão à repetição e de seu aspecto diabólico, ligado aos instintos ou inerente à íntima natureza deles. Mais ainda, há menção à possibilidade indireta de ser percebida esta ameaça interna. Finalmente, uma alusão não só à resistência ao tratamento como à própria possibilidade de impasse no tratamento e situações de análise interminável.

Schur (1966, 1972) reconhece os elementos importantes contidos em *O estranho* como, por exemplo, a relação feita por Freud entre o sinistro (estranho) e o retorno do reprimido. Vejamos mais uma vez o que escreve Freud (1919) naquele ano:

Neste ponto vou expor duas considerações que, penso eu, contêm a essência deste breve estudo. Em primeiro lugar, se a teoria psicanalítica está certa ao sustentar que todo afeto pertencente a um impulso emocional, qualquer que seja a sua espécie, transforma-se, se reprimido, em ansiedade, então, entre os exemplos de coisas assustadoras, deve haver uma categoria em que *o elemento que amedronta pode mostrar-se ser algo reprimido que retorna*. Esta categoria de coisas assustadoras constituiria então o estranho; e deve ser indiferente a questão de saber se o que era estranho era, em si,



originalmente assustador ou se trazia algum outro afeto. Em segundo lugar, se é essa, na verdade, a natureza secreta do sinistro, pode-se compreender por que o uso lingüístico estendeu “*has Heimliche*” (“*homely*” – doméstico, familiar) para seu oposto, “*das Unheimliche*”, pois *este estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente e que somente se alienou desta através do processo de repressão*. Essa referência ao fator da repressão permite-nos, ademais, compreender a definição de Schelling do estranho como algo que deveria ter permanecido oculto, mas veio à luz (Freud, 1919, p. 300-301) (grifos meus).

Prosseguindo, Freud deixa antever o rumo que seu pensamento seguiria a partir de 1920, ao conectar tudo o que escrevera sobre o sentimento de estranheza (*uncanniness*) com o sentimento humano em relação às ideias de morte. Isto é perceptível, por exemplo, na seguinte passagem: “A biologia não conseguiu ainda responder se a morte é o destino inevitável de todo ser vivo, ou se é apenas um evento regular, mas ainda assim talvez evitável da vida” (Freud, 1919, p. 301).

Agora sim, podemos nos deter a examinar alguns pontos importantes contidos em *Além do princípio do prazer* não como pensamentos inesperados e surpreendentes, mas antes como consequências antecipáveis, decorrentes diretas de certas ideias que foram tomando forma com o passar dos anos e que podem ser rastreadas, em suas origens remotas, até o *Projeto* de 1897. Ao afirmar que “[...] um instinto é um impulso inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas... a expressão da inércia inerente à vida orgânica” (Freud, 1920, p. 54), Freud procura ir adiante do ponto atingido no ano anterior, passando a defender a hipótese que a morte não é apenas o destino inevitável, mas “[...] que o objetivo da vida é a morte” (p. 56). A ideia inicial aqui é nitidamente calcada em moldes físicos, mecanicistas.

Ele argumenta que “[...] estaria em contradição à natureza conservadora dos instintos que o objetivo da vida fosse um estado de coisas que jamais houvesse sido atingido” (op. cit., p. 55). O primeiro e fundamental instinto seria um instinto destinado a levar o organismo de volta ao estado inanimado. Neste ponto é que mais flagrantemente pode-se dizer ter Freud abandonado o método científico para se dedicar à especulação. A compulsão à repetição passa a ser designada por Freud como uma tendência instintiva, mais poderosa que o princípio do prazer, ao qual antecederia. O princípio do prazer deixa mesmo de ser encarado como um *princípio* regulador para ser mencionado como uma *tendência*. O trecho que segue é uma demonstração:



O princípio do prazer, então, é uma tendência que opera a serviço de uma função, cuja missão é libertar inteiramente o aparelho mental de excitações, conservar a quantidade de excitação constante nele, ou mantê-la tão baixa quanto possível [...] a função estaria assim relacionada com o esforço mais fundamental de toda substância viva: o retorno à quiescência do mundo inorgânico (Freud, 1920, p. 83).

Os instintos de vida passaram a ser representados pela libido dos instintos sexuais; seriam mais perturbadores da paz interna e produziriam tensões de maneira contínua, cujo alívio seria sentido como prazer. O instinto de morte não acarretaria tais percepções internas de maneira direta. Tais raciocínios conduziram, entre outras, à seguinte conclusão: “O princípio do prazer parece na realidade servir aos instintos de morte” (op. cit., p. 85). Para atingir essas formulações teóricas, Freud partiu de material clinicamente observado. Quatro situações foram estudadas.

(A) *Certos jogos infantis*, onde a repetição é o traço característico, chamaram-lhe a atenção. Não imaginava que tipo de prazer adviria de tais estereotípias. Foi despertado para o assunto em 1915, ao presenciar o *jogo do carretel* de seu neto Ernst. O jogo estava relacionado com a ausência da mãe do menino e, para Freud, não poderia propiciar grande prazer e sim a repetição do sofrimento. Não obstante, ele concedia que ainda fosse possível enquadrar a conduta da criança nos domínios do princípio do prazer. Ponderava:

No início, achava-se (a criança) numa situação passiva, era dominada pela experiência; repetindo-a, porém, por mais desagradável que fosse, como jogo, assumia papel ativo. Estes esforços podem ser atribuídos a um instinto de dominação que atuava independentemente de a lembrança em si mesma ser agradável ou não (op. cit., p. 27).

Pela tendência a ab-reação, as crianças repetiriam os fatos importantes, mesmo que revivessem sofrimentos e, desta forma, tornar-se-iam senhores da situação.

(B) *A neurose de transferência*, reedição na situação atual do tratamento de experiências “dolorosas” do passado, proporcionou-lhe duas reflexões. De um lado, embora causando desprazer, a repetição transferencial poderia ser entendida pela explicação de que certo desprazer para um dos sistemas pode proporcionar satisfação a outro.



Na neurose de transferência, afirmava Freud, também são trazidos do passado – por força e intervenção da compulsão à repetição – experiências que não admitem a possibilidade de prazer algum e que também, à época de sua primeira aparição, não trouxeram satisfação de qualquer espécie, até mesmo para os impulsos instintivos originais, que desde então foram reprimidos. Estas experiências, carregadas de sofrimento desde seus princípios (visto estarem ligadas predominantemente à sexualidade infantil, por isso, já tendo nascido marcadas com o selo da decepção, do fracasso e consequentes feridas narcísicas), são compulsivamente repetidas. Para Freud isto era cabal manifestação de desprezo pelo princípio do prazer.

(C) A investigação da história de pessoas que vivem toda sua existência incompreendidas, passando de um problema para outro, ou mesmo de uma tragédia para outra (*a neurose do destino*), forneceu mais elementos para levá-lo à formulação acabada de suas ideias sobre a compulsão à repetição:

A impressão que dão é de serem perseguidos por um destino maligno ou possuídos por algum poder “demoníaco”; a psicanálise, porém, sempre foi de opinião de que seu destino é, na maior parte, arranjado por elas próprias e determinado por influências infantis primitivas (Freud, 1920, p. 35).

Freud insistiu em chamar a atenção para a surpresa que se tem ao verificar que os acontecimentos negativos ou trágicos sofridos por tais pessoas eram por elas buscados de uma forma ativa, compulsivamente repetitiva e não como pode parecer à primeira vista, de maneira passiva, por azar.

(D) Como viga mestra para sua tese, apresenta *os sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas*. A repetição infundável desses sonhos e a angústia incoercível desencadeadas nesses episódios levaram-no a afirmar que não se enquadravam nos limites da teoria dos sonhos, não poderiam ser explicados pela tentativa de realização de desejos. Sem dúvida, para ele, sobrepujariam o princípio do prazer e surgiriam em obediência a outro princípio mais radical, representado pela compulsão à repetição.

A esta altura da teoria psicanalítica, Freud sustentava que o inconsciente reprimido não oporia resistência à recordação; estas proviriam do *ego coerente*. Os impulsos instintivos tenderiam à descarga repetitiva, seriam *livremente móveis* e obedeceriam ao processo primário, ao passo que ao ego caberia a tarefa de sujeitar a excitação instintiva e ligar os impulsos. Ele sintetiza assim o seu pensamento:



Um fracasso em efetuar essa sujeição provocaria um distúrbio análogo a uma neurose traumática, e somente após haver sido efetuado é que seria possível a dominância do princípio do prazer (e de sua modificação, o princípio de realidade) avançar sem obstáculos. Até então, a outra tarefa do aparelho mental, a tarefa de dominar ou sujeitar as excitações, teria precedência, não, na verdade, em oposição ao princípio do prazer, mas independente dele e, até certo ponto, desprezando-o (Freud, 1920, p. 52).

Nas manifestações da compulsão à repetição, o ego não teria conseguido *ligar* os impulsos e, como decorrência, seria incapaz de funcionar de acordo com o processo secundário. Em 1926, em *Inibições, sintomas e ansiedade*, contudo, apresenta ponto de vista diferente que julgo menos aceitável. Diz então que três resistências proviriam do ego (a repressão, a resistência da transferência e o benefício secundário). Fala, a seguir, sobre a *resistência do id*, a compulsão à repetição, que representaria a atração exercida pelos protótipos inconscientes sobre os processos instintivos reprimidos. Por intermédio da elaboração seria possível superar tal resistência. O superego apresentaria também uma forma de resistência oriunda do sentimento de culpa e da necessidade de castigo, desafiadora de todo esforço terapêutico, fazendo malograr, por conseguinte, qualquer tentativa de cura.

Afirmo que este ponto de vista é mais difícil de aceitar porque me fica um tanto incompreensível a ideia de que o id possa apresentar uma resistência. Mas, mesmo admitindo que exista, se considerarmos a *compulsão à repetição* como a *resistência do id* – instintiva em seu caráter, por conseguinte –, como poderá ela ser superada pela elaboração? Além disso, sendo a resistência proveniente do superego e refratária a todo esforço terapêutico, poderemos inferir que o id (nesta formulação) é apresentado como mais suscetível de ser modificado pela análise que o superego, o que é ainda mais custoso de admitir.

Em 1926, retomando Freud, ele estudava várias circunstâncias em que pode ser assinalada uma tendência à repetição compulsiva. Arrolou três principais: a) a compulsão à repetição – atribuída ao *id inconsciente* – seria o fator de fixação na repressão; b) a repetição estaria presente nos esforços do ego para lidar com uma experiência traumática buscando desfazê-la, anulá-la; c) a repetição igualmente teria papel importante no trabalho do *working through*.

Não pode ser esquecido, no exame das posições assumidas por Freud, o esclarecimento anteriormente feito em *O problema econômico do masoquismo* (1924) a propósito dos princípios reguladores mentais. O princípio do nirvana (expressão tomada em 1920 de empréstimo a Bárbara Low e que passara, na ocasião, a englobar o princípio de constância) expressa a tendência a voltar ao



inanimado e representa, portanto, o instinto de morte. Esse princípio do nirvana, por força da libido (instinto de vida), transforma-se no princípio do prazer, o qual, por seu turno, sofrendo a influência do mundo externo, converte-se no princípio de realidade.

Com essa nova visualização cessa a contradição evidente em *Além do princípio do prazer*, quando o princípio do prazer e o princípio do nirvana acabavam tendo a mesma finalidade, idênticas, portanto, já que o princípio do prazer agiria a serviço do princípio do Nirvana. No enfoque de 1924, os *princípios*, embora conflitantes em seus fins, coexistem harmonicamente e o princípio do prazer é considerado agora como o protetor da vida.

É importante ter isto em mente, porque não podemos esquecer que Freud relacionava os instintos com os processos repetitivos, que procurariam livrar o organismo das tensões. Para ele a maneira mais elementar com que o instinto de morte se manifesta é no impulso à repetição. Em *O ego e o id* (1923), por exemplo, cita três destinos que os instintos de morte podem ter: parte, por fusão com os eróticos, é neutralizada; parte projeta-se para o exterior (agressão) e parte segue livremente seu trabalho interno. Esta última parte foi considerada por ele como a mais importante das três e se vincularia essencialmente à compulsão à repetição.

De 1930 em diante, Freud não abandonou sua especulação de 1920 sobre a compulsão à repetição, porém em seus trabalhos há uma constante e repetida ênfase quanto ao papel importante do ego no fenômeno.

Assim, em *O mal-estar na civilização* (1930), a compulsão à repetição é vista como uma força que visa à poupança de energias e, sem dúvida, como função ego, quando se manifesta na tendência à ordem. Senão, examinemos a seguinte frase:

A ordem é uma espécie de compulsão a ser repetida, compulsão que, ao se estabelecer um regulamento de uma vez por todas, decide quando, onde e como uma coisa será efetuada, e isso de tal maneira que, em todas as circunstâncias semelhantes, a hesitação e a indecisão nos são poupadas [...] conservando ao mesmo tempo as forças psíquicas (op. cit., p. 113).

Em 1931 (*Sexualidade feminina*), novamente podemos constatar o valor atribuído por Freud à função ego quando salienta a existência da repetição com a finalidade de realizar o trabalho de *dominar o mundo externo*. Explica então que as manifestações repetitivas representam uma revolta contra a passividade e uma tentativa de assumir o papel ativo.

Na conferência XXXII das *Novas conferências introdutórias* (1933-32),



intitulada *Ansiedade e vida instintual*, recorda o que sustentara em 1920 a propósito da propensão dos instintos a restaurarem estágios anteriores de desenvolvimento e firma, de início, uma posição biológica:

Podemos supor que, desde o momento em que uma situação, tendo sido uma vez alcançada, é desfeita, surge um instinto para criá-la novamente e ocasiona fenômenos que podemos descrever como uma compulsão à repetição. Assim, toda embriologia é um exemplo da compulsão à repetição (op. cit., p. 132).

É claro que a compulsão à repetição, nesta descrição, funciona então a serviço dos instintos de vida, porém Freud não se detém neste aspecto reconstrutivo. Já na conferência seguinte (XXXIII – *Feminilidade*), o aspecto psicológico é enfatizado, quando relaciona a repetição com a identificação, isto é, atribuição do ego. Escreve:

Sob a influência da transformação da mulher em mãe, pode ser revivida uma identificação com sua própria mãe, contra a qual ela vinha batalhando até a época do casamento, e isto é capaz de atrair para si toda a libido disponível, de modo que a compulsão à repetição reproduz um casamento infeliz dos pais (p. 163).

Nota-se aqui, mais uma vez, a ênfase colocada no aspecto destrutivo da repetição. Não é citada neste trecho a possibilidade de repetição pela identificação com os característicos bons maternos. Em *Análise terminável e interminável* (1937), assinala que os mecanismos de defesa, típicos de cada pessoa, se *fixam* no ego, tornando-se modos característicos de reação e são repetidos cada vez que apareça uma situação que se assemelhe à situação original.

Nesse trabalho, outra vez, põe em destaque a importância da existência das repetições na transferência para que possam ser compreendidos os conflitos e atingidas as metas do tratamento. Faz um registro sobre a força do princípio do prazer na mente humana, mas também reafirma sua crença no instinto de morte original da matéria viva. Observa: “Somente pela ação concorrente ou mutuamente oposta dos dois instintos primevos – Eros e o instinto de morte – e nunca por um ou outro sozinho, podemos explicar a rica multiplicidade dos fenômenos da vida” (op. cit., p. 276).

Apesar de destacar a importância do instinto de morte, afirma que uma neurose pode reaparecer por manter-se intacta sua motivação instintiva, não se



referindo explicitamente a uma repetição como finalidade em si. Infere-se que um fator decisivo é a *repetição da mesma necessidade inconsciente*, isto é, do mesmo conflito. Este ponto (ao qual voltarei quando discutir o conjunto da contribuição freudiana) me parece de importância capital e talvez contenha a chave do problema.

No *Esboço da psicanálise* (1940-38), a atenção do leitor é despertada para o papel acentuado que ele atribui ao princípio do prazer na mente humana. Resume isso nesta frase: “O id obedece ao inexorável princípio do prazer” (op. cit., p. 227), logo ampliada com a afirmação que os demais agentes psíquicos também têm sua ação regulada pelo princípio do prazer. O princípio do prazer é visto agora como um poder ao qual o nível de tensão das necessidades instintivas tem que se submeter; os *agentes psíquicos* poderão modificá-lo, porém não anulá-lo.

Em *Moisés e o monoteísmo* (1939), o tema está presente para Freud, que aponta duas possíveis reações psíquicas aos traumas: positivas e negativas (as palavras *positivas* e *negativas* são propostas neste ponto sem conotação ética e, sim, descrevem a reação). A consideração sobre a participação do ego é algo que não pode fugir à atenção do observador. As ditas reações *positivas* externam esforços compulsivos de pôr o trauma em funcionamento outra vez:

[...] isto é, recordar a experiência esquecida ou, melhor ainda, torná-la real, experimentar uma repetição dela de novo ou, mesmo que ela seja apenas um relacionamento emocional primitivo, revivê-la num relacionamento análogo com outra pessoa. Resumimos estes esforços sob o nome de “fixações” no trauma e como uma “compulsão a repetir” (op. cit., p. 94).

As chamadas reações negativas seriam as tentativas de fugir do trauma ou de evitá-lo (esquecimentos, evitações, inibições, fobias). Ambas as reações, positivas e negativas, contribuem para a cunhagem do caráter e

[...] todos esses fenômenos [...] possuem uma qualidade compulsiva; isto equivale a dizer que têm uma grande intensidade psíquica e, ao mesmo tempo, apresentam uma independência de grandes consequências quanto à organização dos outros processos mentais, que se ajustam às exigências do mundo externo real e obedecem às leis do pensamento lógico (Freud, 1939, p. 95).

Embora Freud tenha abarcado várias manifestações da repetição (algumas delas irão servir no futuro, como veremos, para enfoques de outros analistas), não



se observam, nestes últimos trabalhos, grandes acréscimos ou modificações no que diz respeito à transferência e seu caráter repetitivo de situações ou de emoções pretéritas.

Faz-se necessária agora uma rápida síntese e alguns comentários. Em suas pesquisas (de maneira evidente a partir de 1900), Freud observou que o dualismo prazer-dor impera nas atividades humanas e em suas manifestações. O funcionamento psíquico, como decorrência, foi concebido em termos energéticos e obedecendo a certos princípios reguladores que determinavam a descarga, o que trazia como consequência o prazer; o aumento da tensão, pelo contrário, resultaria em desconforto, dor.

Ele próprio não se sentiu satisfeito com apenas estas formulações, apesar de não abandoná-las completamente. Aqui, como ao longo de toda a sua produção, mostrou-se coerente e com grande disponibilidade para alterar postulados teóricos quando a prática mostrava a falha ou a insuficiência de suas conclusões. Uma preocupação constante em Freud era a de buscar harmonizar a teoria psicanalítica com os dados clínicos à sua disposição.

O seu pensamento sobre os fenômenos repetitivos também passou por inúmeras modificações, sendo muitas vezes revisado. A noção da compulsão à repetição, ao longo da obra de Freud, foi decorrente e, por sua vez, ocasionou reformulações na teoria dos instintos, o que, por si só, justificaria nosso estudo do problema.

Como vimos, no que convencionei apresentar como *primeiro período*, Freud inicialmente não atribuiu à compulsão à repetição uma característica especial dentro da teoria: mencionava-a como um fenômeno observado clinicamente, uma possibilidade de o reprimido manifestar-se quando a recordação fosse bloqueada. Não obstante tenha salientado a importância de tal fenômeno para o tratamento (transferência), sempre fez incidir o acento tônico no aspecto desprazeroso do material repetido.

No segundo período (isto é, sua produção após 1919-1920), procurando resolver os problemas suscitados pela observação do fenômeno clínico da fixação ao trauma e das repetições compulsivas desprazerosas, introduz um novo conceito na teoria. Neste novo conceito, em linhas gerais, Freud postula que a compulsão à repetição é inerente ao funcionamento mental, independente do princípio do prazer e mais primitiva que este, já que procederia das próprias origens dos instintos. Como decorrência dessa origem instintiva, a compulsão à repetição teria poder para contrariar o princípio do prazer, visando a seus próprios e fatais objetivos: a volta à quietude original que fora quebrada pela manifestação vital. Especialmente nos trabalhos de 1920 e 1923, este conceito sustentou a afirmativa





de uma destrutividade primária no *eu*, assim como introduziu a noção de masoquismo primário comparável ao narcisismo primário.

Para Freud, a teoria do instinto de morte e o conceito da compulsão à repetição são interdependentes. O instinto de morte é a força que responde pela compulsão à repetição e também pela fixação ao trauma, explicando ao mesmo tempo a tendência à regressão.

Estas especulações ulteriores de Freud suscitam muitas indagações. Como Freud sempre chamava a atenção para a relação instintos-processos repetitivos, não responde o porquê da exceção que fez, encarando a compulsão à repetição como solidária exclusiva do instinto de morte. A compulsão à repetição é por ele ligada à íntima natureza dos instintos (plural), porém em seus escritos ela é associada só com o instinto de morte. Freud deixa sem esclarecer por que não considerou a compulsão à repetição também em relação ao instinto de vida.

Não explica também a razão pela qual a permanência da mesma necessidade inconsciente originária (por obra da compulsão à repetição) apenas a reaparição de uma neurose. Considera ele aí, portanto, somente a compulsão à repetição de conflitos neuróticos, sem examinar a possível ocorrência de uma compulsão a repetir conflitos normais, evolutivos e sem tentar uma compreensão similar da repetição de adaptações sadias.

Cabe o mesmo reparo quando Freud, a propósito das repetições transferenciais, insiste e acentua que se tratam de *reedição de experiências dolorosas*. No momento em que Freud, baseando-se na tendência à estabilidade que atribuiu ao instinto de morte, afirmou que a compulsão à repetição constituía uma prova disto, cometeu, segundo P. Stepansky (1977), um engano científico. Este engano consiste em tentar explicar um fenômeno da vida, que só pode se verificar em sistemas abertos, com um postulado da física de sistemas fechados.

Verifica-se também haver certa confusão, às vezes, entre o que é prazer e o que é simples descarga. O princípio do prazer ainda hoje pode ser simplesmente atribuído ao *id* e seria satisfeito pela descarga das tensões. O conceito de prazer, afeto, refere-se a algo psíquico mais elaborado que a mera descarga instintiva. A descarga ligada a algo mental é que causa o prazer, vale dizer, atividade *ego*.

Finalmente, recordemos que a característica repetitiva atribuída aos instintos que almejaríamos, em último termo, o retorno ao inanimado, uma compulsão a repetir um estado inorgânico, foi o que conduziu Freud à teoria do instinto de morte. Segundo suas afirmações, foi a compulsão à repetição que primeiro o colocou na trilha do instinto de morte, mas a verdade é que também utilizou várias vezes o raciocínio inverso, procurando justificar seu conceito de compulsão à repetição pela hipótese do instinto de morte. Isto constitui um ponto nevrálgico



na teoria: é exemplo de pensamento circular que cientificamente invalida o raciocínio nele apoiado.

Freud teve o grande mérito de levantar o problema da compulsão à repetição, descrever o fenômeno e tentar a compreensão do mesmo. Suas formulações, entretanto, não conseguiram escapar da ambiguidade. O conceito da compulsão à repetição resulta confuso, ambíguo porque, a despeito de servir de *pilar* para a hipótese da existência do instinto de morte, o termo foi utilizado por Freud para descrever diversas outras manifestações como a tendência à ordem, repetição embriológica, identificação, etc.

A conceituação dada por Freud em 1920 à compulsão à repetição repousa muito em sua posição teórica voltada para a psicologia do id (termo introduzido mais tarde), até então preponderante. Após 1923, tendo formulado a teoria estrutural, Freud possibilitou o estudo cada vez mais acurado do ego, suas funções e sua importância na vida psíquica. Mesmo não tendo ele abandonado a ligação conceitual *compulsão à repetição-impulsos instintivos* (na verdade, *compulsão à repetição-instinto de morte*), seus escritos foram enfatizando cada vez mais a atividade ego. Como foi visto na revisão apresentada, torna-se gradualmente mais difícil a tarefa de separar, em seus escritos, quando está sendo referida a compulsão à repetição (conceito de 1920) e quando está sendo estudada a repetição em suas diversas manifestações, quer compulsivas, quer não compulsivas, nas quais a função ego não pode ser ignorada. Esta posição de Freud fica bem mais evidente a partir de 1930 e é flagrante na maioria dos autores consultados que veremos a seguir.

III. Outras contribuições ao tema

A leitura das contribuições de diversos autores, de várias escolas, mostra que a ambiguidade constatada em Freud parece ter influenciado os que o seguiram nesta senda. As imprecisões e contradições encontradas nos trabalhos revisados, como decorrência, constituíram uma dificuldade complementar que tive pela frente na consecução deste estudo. Apesar das dificuldades citadas e de verificar que os diferentes autores também trataram de múltiplos aspectos das repetições, resultou claro para mim que é tarefa impossível sustentar atualmente uma teoria que prescindia da participação do ego para explicar os fenômenos repetitivos e que defenda a existência de uma compulsão à repetição autônoma e com objetivos fatais.

Lawrence Kubie foi um dos primeiros que se manifestou contra a utilização



do conceito da compulsão à repetição como prova cabal da existência do instinto de morte. Julgava ele que as manifestações repetitivas estariam evidenciando, no campo psíquico, sempre uma busca do prazer, exceto no aspecto geral dos fenômenos biológicos mais elementares.

Kubie, em seu trabalho clássico de 1939, já enfatizava que toda demanda instintiva é recorrente, derivando essa característica de bases biológicas (*marés biológicas* periódicas na química do organismo). Lembra que a mínima gratificação libidinosa também inclui a ideia da repetição e que “o animal que nunca tenta mais de uma vez, logo morre” (p. 398). Apenas quando estão envolvidas atividades mais simbólicas e que a repetição desperta o interesse do observador, pois a repetição é o dia-a-dia da vida.

Particularizando, mostra que qualquer fenômeno neurótico não deve ser classificado de *compulsão à repetição*, pois o impulso não satisfeito segue pressionado. Isso não justificaria um conceito especial, já que o que se observa é uma compulsão ao ato determinado em si e não uma repetição pela tendência compulsiva à repetição. Nos neuróticos, esses atos repetidos são inflexíveis, não modificados pela experiência, ao passo que, nos atos de pessoas normais, gradualmente há possibilidade de uma modificação das estereotipias pelo aproveitamento da experiência. Se o neurótico pudesse utilizar a experiência, ficaria curado.

Explica Kubie que, como decorrência da demanda instintiva inalterada, o superego também é chamado a agir de maneira repetitiva. Insiste, todavia, que isto não pode ser chamado de compulsão à repetição, na qual a repetição é a causa e o objetivo final. Aos argumentos originais de Freud, que procurava explicar a repetição dos sonhos traumáticos e a estereotipia dos jogos infantis pela existência de uma compulsão à repetição, Kubie contrapõe duas ponderações.

(1) Via de regra, afirma, as hipóteses explanatórias são tentadas e defendidas quando um observador se defronta com fenômenos que causam perplexidade. Completa seu pensamento lembrando que isto sempre envolve certo grau de risco e que, se estas hipóteses dissipam as complexidades, podem ser convenientes, mas não são necessariamente válidas como evidência científica.

A crítica de Kubie é cabível: esta suspeita sobre a validade científica de uma especulação motivada mais pela necessidade de explicar um fenômeno e sem maiores fundamentações é de grande peso, vindo ao encontro de um dos pensamentos que me ocorreram enquanto estudava este assunto. Entretanto, como o fenômeno é constatado clinicamente, a busca de explicação empreendida por Freud foi legítima e necessária.

(2) Kubie acha que o princípio do prazer pode explicar os fenômenos



repetitivos. Assim, nos sonhos e sintomas pós-traumáticos, podemos considerar que está havendo uma tentativa de anulação do trauma doloroso pela procura de uma solução feliz. O terror que irrompe e acorda o neurótico é encarado apenas como um subproduto accidental do pânico original. Nos jogos das crianças, o insucesso do aprendizado inicial acarretaria a persistência da necessidade de manejo (*mastery*) da situação e a repetição dos esforços para obtê-lo. Como sabemos, estas atividades são algumas das características atribuídas ao ego por Freud (1923).

Como conclusão, Kubie julga não haver necessidade do conceito, nem evidência da existência de uma especial “compulsão à repetição”. O conceito seria útil apenas descritivamente, mas não deve ser utilizado como argumento para explicar fenômenos neuróticos e, muito menos, para distinguir “os instintos eróticos dos assim chamados instintos de morte” (op. cit., p. 402). Em suma, a compulsão à repetição é, para ele, um epíteto psicanalítico para a mais ampla acepção da palavra comum *hábito*.

Como crítica ao pensamento de Kubie, pode-se dizer que assim surge outra vez o impasse, já que então deveríamos procurar a explicação dinâmica do *hábito*. Hartmann (1939) julga o mesmo, pois recusa-se a aceitar teorias que reduzam complexas atividades humanas a simples hábitos. Essas teorias, assim estabelecendo, passam por cima o elemento pessoal, ou seja, a regulação pelo ego. Afirma Hartmann (op. cit.):

Hábitos e automatismos são, de muitas maneiras, formas relacionadas de comportamento humano. Hábito é o mais amplo, porém o mais vago dos dois conceitos. Dizer-se que fazemos algo “como um hábito” significa que sempre o fazemos em certas situações, sem estarmos capacitados de estabelecer sua motivação ou objetivo. É claro, contudo, que um hábito pode ter um “significado” que não é consciente. A formação do hábito pode ser iniciada por uma necessidade instintiva ou por uma defesa contra um impulso instintivo, ou por ambos. O papel das identificações, ou de outras relações sociais, amiúde é claramente demonstrável nos hábitos (cf. Bernfeld, 1930) (Hartmann, 1939, p. 89).

Como Kubie, Fenichel (1957) também espousa um ponto de vista diferente do de Freud: ele não encara a compulsão à repetição como demonstrativa da existência de uma necessidade instintiva de repetir, trabalhando em sintonia com o instinto de morte.

As neuroses traumáticas são por Fenichel estudadas sem que o conceito da



compulsão à repetição seja utilizado para explicar os fenômenos observados. Afirma que o que ocorre é a associação imediata entre o trauma atual e conflitos antigos ou traumas infantis anteriores, que passam a ser reativados pelo trauma atual. Refere que podem acontecer reações nas quais o que se observa é uma atitude de afastamento da realidade provavelmente por medo à repetição do trauma.

Fenichel salienta sempre como aspecto importante o papel ativo do ego nas compulsões repetitivas. Essa atividade do ego ocasiona um alívio por representar uma reação contra aquilo que o assolou. As emoções que, por ocasião do trauma, foram sofridas passivamente pelo ego são agora por ele manejadas; o ego torna-se senhor da situação através das repetições.

Melanie Klein não sustenta um ponto de vista constante sobre a compulsão à repetição. Assinalemos, contudo que, em seus trabalhos de 1926, 1927 e 1940, as repetições compulsivas são apresentadas, via de regra, como manifestações defensivas e a interrelação ego-superego é evidente para a manutenção do quadro repetitivo.

Já em 1932 primeiro designa a compulsão à repetição como uma “descarga contínua de energia instintiva biológica” (Klein, 1932, p. 31) (o que, para Kubie, é inaceitável, pois não vê motivos para utilizar um nome especial para este fenômeno: seria o mesmo que empregar a expressão “compulsão à repetição” para explicar a fome persistente de quem não comeu) e depois (p. 246 e 254) diz que ela representa “esforços repetidos e sem sucesso para neutralizar ansiedade”, o que é atividade do ego. Kubie critica estas oscilações de Klein que, segundo ele, deixam o conceito confuso e amplo, um verdadeiro cesto de despejo para designar qualquer fenômeno inespecífico. Em 1951 e 1957, M. Klein amplia ainda mais o conceito de compulsão à repetição, que passa então a incluir a repetição, na transferência, da dissociação dos objetos primitivos e emoções correlatas (Klein, 1952) e da primitiva inveja do seio, o que ocasionaria a RTN (Klein, 1957).

Paula Heimann (1962) afirma concordar com as ideias de Freud, dizendo que a compulsão à repetição é uma observação irrefutável e que opera contra o princípio do prazer. Trata-se de afirmativa que, lamentavelmente, não é sustentada por nenhum argumento ou exemplo clínico, o que impede que a mesma seja discutida.

O fato é que M. Klein e seus seguidores não defendem uma conceituação específica da compulsão à repetição, embora insistam mais nos problemas que a ligam às ansiedades e aos sentimentos de culpa. Com isto, se, por um lado, evitam cair no pensamento circular que assinalamos em Freud, por outro lado, criam uma consequência indesejável: a *absorção* da compulsão à repetição dentro da noção mais ampla do instinto de morte, o que clinicamente não se justifica.



Poder-se-ia, ainda dentro dos autores *kleinianos*, citar B. Joseph. Esta autora, estudando casos clínicos de pessoas com a assim chamada *compulsão à repetição passiva* (Joseph, 1959), afirma que elas só podem sentir-se mais livres da ansiedade quanto mais próximas estiverem do estado livre de emoções, isto é, do estado inorgânico. Para tanto, utilizariam uma *combinação particular de mecanismos defensivos*. A *compulsão à repetição passiva* aí exposta é uma colocação descritiva e não explicativa genética. Além do que, o conceito de Freud apresenta a repetição compulsiva como alguma coisa acionada pelo impulso original de repetir e não como uma defesa ou combinação de defesas. No momento em que se mencionam defesas, está-se falando obviamente de atividade ego e não de um impulso com as características que Freud, em *Além do princípio do prazer*, atribuiu à compulsão à repetição.

Bibring (1943), em um ensaio minucioso sobre o assunto, apresenta duas possibilidades de ser estudada a compulsão à repetição:

- (A) A compulsão à repetição para Freud é a expressão da *inércia* da matéria viva, da tendência conservadora para manter e repetir experiências intensas;
- (B) A compulsão à repetição é um mecanismo regulador com a tarefa de descarregar tensões causadas por experiências traumáticas, depois que foram ligadas, em quantidades fracionadas (op. cit., p. 487).

Como consequência, e para distingui-las, propõe dois nomes: (1) a tendência *repetitiva* ou *reprodutiva* expressa a tendência existente com a finalidade de preservar a situação traumática; (2) a tendência *restitutiva* objetiva o restabelecimento da situação pré-traumática. Chama também a atenção para o fato que, para Freud, ambas foram incluídas em uma só função e que ele usava o termo indistintamente para designar uma coisa ou outra.

Conforme esclarece Bibring, em Freud o *acting out* representa a função repetitiva; a tendência restitutiva suporta a formulação dos dois instintos primários. Num raciocínio perspicaz mostra que Freud acabou caindo em um paradoxo neste assunto:

Freud usa somente a tendência restitutiva da compulsão à repetição para caracterizar os instintos de vida e, de forma alguma, sua parte repetitiva ou reprodutiva. Da mesma forma, a suposta tendência do instinto de morte de efetuar uma volta à condição inorgânica prévia corresponde à tendência restitutiva, sem consideração pela reprodutiva. Se considerarmos a última, então os instintos de morte repetiriam sempre a criação da vida, isto é, o



trauma da perda da existência inorgânica. Então, o que Freud chamava de instintos de morte tornar-se-iam instintos de vida e vice-versa, os instintos de vida tornar-se-iam instintos de morte, porque eles deveriam repetir o doloroso trauma de dispersar a matéria viva (Bibring, 1943, p. 488-489).

Para Bibring (op. cit.), a função restitutiva pertence ao ego e, em termos gerais, a compulsão à repetição pode ser encarada como uma propriedade dos impulsos instintivos. O ego ou sofre passivamente, ou lança mão de mecanismos (que ele propõe sejam chamados de mecanismos de *working off*) para lidar ativamente com a tendência imperiosa à repetição:

[...] pela vitória ou assimilação do medo traumático [...] pela obtenção de um ajustamento [...] o ego se habilita a experimentar eventos similares sem que surja a ansiedade [...] o ego ativamente aprende a controlar a situação e por este controle fortalece seu narcisismo e reduz a quantidade de ansiedade. O ego adquire um crescente *insight* da estrutura real da situação (Bibring, 1943, p. 501).

Cabe, nesta altura, um reparo ao que evidencia um otimismo exagerado de Bibring quando afirma que o ego consegue, com este mecanismo, enfrentar a renovação do trauma “sem que surja a ansiedade”. Quanto ao resto de seu raciocínio, contudo, o mínimo que se pode dizer é que é bastante lógico e a prática o confirma. Os mecanismos de *working off* não são comparáveis aos mecanismos de defesa, pois estes bloqueiam de alguma forma a descarga, enquanto que, pelo *working off*, são modificadas as condições internas que deram origem à tensão.

Bibring concebe a compulsão à repetição como derivada da característica que os instintos possuem de aderir às experiências primárias intensas, desprezando qualquer consideração de prazer ou de dor. Esta concepção me parece de extrema importância e pode representar o ponto de partida mais adequado para o estudo das repetições em geral. Ela põe de lado também o que julgo ser um vício no nosso modo habitual de raciocinar, qual seja, o de atribuir a quaisquer fenômenos biológicos considerações qualitativas e também o de sustentar sempre a existência de objetivos além da necessidade pura e simples.

Entrando em considerações estruturais, Bibring relaciona duas possibilidades quanto à compulsão à repetição: união com o prazer narcísico do ego (*Ichlust*) ou com a satisfação instintiva do id (*Eslust*). Quando o ego lida com a compulsão à repetição, ele o faz segundo o princípio do prazer. Exemplo prático



é o uso que o ego faz da compulsão à repetição durante a análise: permite as reações repetitivas até certo ponto, para utilizá-las com objetivos próprios, como na resistência ao tratamento. A libidinização secundária de angústias e medos (id.), que pode estar na raiz de muitas repetições, é independente do princípio do prazer; a chamada compulsão à repetição seria, por sua própria natureza, além do princípio do prazer (mas, em absoluto, oposta a ele).

Como já foi salientado, a compulsão à repetição para Bibring originar-se-ia de tendências instintivas que poderiam vir a ser utilizadas pelo ego de várias maneiras. Fica em aberto a questão de se esta capacidade do ego proviria de um especial *instinto de dominação (instinct to master)*; em caso afirmativo, corresponderia ao que Bibring designou de *tendência restitutiva do ego*.

R. Waelder, no *Fall Meeting* da Associação Psicanalítica Americana, realizada em 1963, elaborou uma classificação procurando abarcar os diversos tipos de repetição, localizando-os dentro do princípio do prazer, seja este satisfeito ou não. Para ele, a compulsão à repetição não é elemento suficiente para servir como sustentáculo de uma teoria do instinto de morte e a participação constante do ego é evidente nos fenômenos de repetição, tanto voluntários como compulsivos.

H. Loewald (1971) parte de um ponto que considera as raízes biológicas das repetições, chegando a uma conclusão de que é necessária a ideia de ego. Ele engloba neste tema a vida humana em si, que não deixa de ser a repetição de alguns *eventos cruciais prototípicos*, como já afirmavam os gregos e outros povos antigos. Lembra que a noção de repetição está presente no esquema do desenvolvimento psicosexual, na compreensão dos primeiros estágios libidinosos e relações de objeto e que a concepção genérica de fenômenos repetitivos se aplica às experiências traumáticas típicas, a iniciar-se pelas experiências do trauma do nascimento.

Considera, outrossim, que a recordação não deixa de ser uma forma de repetição, *repetição na mente*, e que a repetição sob forma de ação ou de comportamento e afeto não deixa de ser uma recordação, embora inconsciente. Cessaria, com isto, a aparente oposição absoluta entre repetir e recordar.

Para Loewald, a *tendência à repetição abrange tanto o processo primário como o secundário*, o que, para mim, é uma das explicações da permanência dos resultados terapêuticos da análise; o próprio processo psicanalítico, recorde-se, é uma repetição. Loewald pensa – e isto recorda o que vimos dito por Freud – que a compulsão à repetição surge quando, devido à repressão, os impulsos originais não ficaram acessíveis à atividade organizadora do ego. Com a psicanálise, visa-se conseguir isto. Como o *determinismo psíquico* é fundamentalmente psíquico,



pode, por conseguinte, ser atingido e modificado pelo processo psicanalítico, procedimento psicológico; tal não sucederia se as causas deste determinismo fossem apenas físicas ou biológicas.

Enfatiza Loewald que a teoria da identificação e da internalização abriga também a noção de repetição. Mais uma vez observamos que não é possível levar muito longe uma consideração sobre a atividade repetitiva sem a citação de algo referente à função ego.

Heinz Hartmann, ao participar de um encontro da Sociedade Psicanalítica de Nova Iorque, faz uma enumeração dos fenômenos repetitivos, considerada por Bibring (1943) como a melhor dentre as que foram apresentadas. Segundo Hartmann: (1) a repetição ocorre como resposta aos mesmos estímulos; (2) existe uma tendência a serem repetidas experiências agradáveis em si mesmas ou que resultarem em prazer; (3) verifica-se, em conexão com automatismos de pensamentos e de ação, uma repetição até certo ponto independente do princípio do prazer; note-se que aqui ele refere uma certa independência, mas não uma contradição ao princípio do prazer; (4) ações e pensamentos poderão ser repetidos quando o motivo inicial almejado não foi alcançado; (5) correspondendo a situações traumáticas não assimiladas, surgiria o fenômeno da compulsão à repetição propriamente dita.

Um exame desta lista leva-nos a detectar, nas repetições em geral, a atividade integradora do ego. O ego, pela repetição visa, em última instância, a alcançar uma adaptação mais harmônica. Penso eu que, se em ocasiões esta adaptação mais harmônica não é alcançada, isto não invalida o afirmado, mas explica, por outro lado, a persistência das tentativas, o que pode se manifestar por uma repetição compulsiva.

Na observação clínica, de modo especial na transferência, mas também na conduta dos pacientes, as atividades repetitivas registram sempre uma atividade ego, sendo impossível surpreender de forma pura o que Freud caracterizou como compulsão à repetição. Hartmann, frente a isto, sugere que se fale de uma interação parcial entre a compulsão à repetição (de natureza instintiva) e as atividades do aparelho mental dependentes do ego (*reality-regulated ego tendencies*).

Hartmann não concilia o conceito de automatismos com as ideias consagradas sobre o funcionamento do id, defendendo o ponto de vista de que os automatismos são pré-conscientes. Chama a atenção para o fato de que automatismos normais são, muito comumente, precursores de sintomas compulsivos, mas que não deve ser por acaso sua participação tão evidente em propósitos de adaptação. Como é verificado em fisiologia, pondera Hartmann, a automatização apresenta vantagens econômicas. Diz mais: “Tanto a flexibilidade



como a automatização são necessárias e características do ego” (Hartmann, 1939, p. 92).

Podemos agora perguntar se caberia estender estas considerações à compulsão à repetição. Hartmann também formulou a pergunta e a correspondente resposta:

Qual a relação destes automatismos com o princípio do prazer e a compulsão à repetição? Aparentemente estes aparelhos relativamente rígidos amiúde perpetuam algo que foi alguma vez prazeroso, no sentido de que realizou um trabalho, ou removeu um problema, ou algo similar (op. cit., p. 95).

Mais adiante, conclui:

Como os processos automatizados são repetitivos, pode-se pensar que são, de alguma forma, relacionados com a compulsão à repetição. Este relacionamento pode mesmo ser óbvio se nós – como Alexander (1925) – chamarmos de compulsão à repetição a qualquer repetição de atividades de domínio (*mastery*) previamente bem sucedidas (op. cit., p. 95).

Creio que Daniel Lagache delimita bem os problemas que foram tratados até agora. Lagache (1956) diz que as primeiras aproximações de Freud (1912) ao problema da repetição na transferência foram dinâmicas, quando afirmava que as necessidades inalteradas provocavam a repetição compulsiva. Já o ponto defendido ulteriormente por Freud (1920) é, para ele, mecanicista, pois é considerada somente a necessidade em si de repetição (que seria a compulsão à repetição). A distinção deverá ser feita na teoria, por conseguinte, entre uma *repetição das necessidades*, que se exterioriza no comportamento e fantasias, e uma fatal *necessidade de repetição* invariável, que almejaria, em último grau, a repetição do estado inorgânico e a volta à quietude original. A repetição das necessidades, seja nos conflitos neuróticos, seja na situação normal, é fato observado na clínica, juntamente com o trabalho do ego, que procura alcançar uma maior harmonia entre as possíveis tendências ou impulsos em jogo. A necessidade de repetição é somente objeto da especulação.

Finalizo esta parte concordando com E. Gómez (1978), que coloca a questão em termos claros e conclusivos:

É fácil ver que toda repetição na transferência, nos sonhos, no jogo, etc [...] se deve, antes de tudo, a algo não elaborado, que não foi entendido, que



não pode ser postulado em termos do sistema Cs-Pcs. Trata-se, portanto, também de um transtorno do aprendizado. Mais do que “repetir para não recordar”, dá a impressão que se repete para elaborar e aprender. Assim, pois, nada nos mostra, partindo dos fatos da observação, seja direta ou psicanalítica, a existência de uma compulsão à repetição que seja independente, que contradiga e que vá “além” do princípio do prazer (op. cit., p. 180).

IV. Ilustrações clínicas

Apresentarei três casos clínicos, em suas linhas gerais e apenas no que tange às manifestações repetitivas, com uma compreensão sucinta, a fim de ilustrar os aspectos teóricos questionados. Em todos, pude entender a repetição como decorrente dos esforços do ego para manejar os conflitos e como manifestação da persistência das fantasias, das necessidades insatisfeitas e dos conflitos originais.

Caso “A”

Esta paciente escolhe sempre para objeto de seu interesse amoroso homens muito mais moços que ela, com o conseqüente e esperado desenlace desfavorável. Após os abandonos, deprime-se muito e recorre então às atividades intelectuais que a gratificam e onde se sente segura.

A sua profissão – a profissão que a mãe desejava ter seguido – lhe propicia a oportunidade de ter todo o tempo algum rapaz como predileto e protegido sem que, nesses casos, aconteça obrigatoriamente um envolvimento sexual declarado.

Sempre teve dificuldades com homens que lhe corresponderiam quanto à idade. Desde pequena, confessa, sentia-se muito atraída por homens bem mais velhos e que representassem para ela serem inteligentes ou investidos de alguma autoridade. Nunca chegou a namorar um desses, mas reconhece que até hoje eles a perturbam. Com eles, perde a coragem de manter um relacionamento mais íntimo, porque “algo” a afasta e a faz desistir. Acha que receia que acabariam por fazê-la apenas uma mulher doméstica, “sem profissão ligada ao intelecto e à liberdade” (o que criticava no casamento dos pais). Como resultado, elege invariavelmente companheiros jovens, indecisos e necessitados de proteção, “fracotes”, como os chama.

Apesar de já ter uma profissão há anos, vive com o pai viúvo, ao qual é muito ligada e por quem nutre admiração, apesar de visível conduta ambivalente para com ele. Enquanto a mãe era viva, competiam ambas pela preferência do



pai, por vezes de forma aberta. A paciente invejava a beleza da mãe; a mãe demonstrava invejar sua mocidade e realização profissional. Principiou a concretizar seus casos amorosos, de duração efêmera, com rapazes mais moços, só depois da morte da mãe; antes, limitava-se a ter seus “protegidos”.

Pela análise deste comportamento, foi visto que suas escolhas repetitivas representam uma fixação patológica relativa à realização do incesto. Mais profundamente, luta contra sentimentos de dependência e agressão ao seio e consequente impossibilidade de se identificar com a mãe.

Na sua conduta, verifica-se uma tentativa de defender-se da situação edípica, invertendo a situação original: não executa na realidade suas fantasias com homens maduros (pois “algo” a faz desistir) e sim com “fracotes” de pouca idade, o oposto do pai. O disfarce não satisfaz a censura e termina castigada pelo abandono constante, visto que o casal que reedita também é incestuoso e ela, na verdade, executa o temido ato edípico, tão desejado (mãe-filho). O castigo fatal alivia momentaneamente a culpa, mas não o impulso e as fantasias.

A título de esclarecimento, posso acrescentar que, na transferência, é comum que ela me veja como uma mescla de mãe e de homem velho-moço, forte-fraco. Neste caso, onde se salienta o conflito edípico atuado, é importante destacar a repetida escolha de objeto insatisfatório e a impossibilidade de aprender pela experiência. Para o que nos interessa, adquirem relevância a ação e o castigo inevitáveis, num claro jogo entre o ataque e a submissão ao superego.

Da mesma forma que o prazer obtido é fugaz, o sofrimento é o resultado previsível, mas não se pode afirmar com segurança que um dos dois seja a meta final procurada. Não devemos confundir consequências com objetivos. O que está sempre fazendo pressão é o Édipo não elaborado, assim como o repetido (porque não resolvido) impulso de ataque ao seio e a culpa acompanhante. Se existe uma compulsão, é a compulsão edípica que se perpetua exatamente porque as vias colaterais escolhidas não esgotam seus motivos e fantasias originais.

Caso “B”

Na vida deste paciente são uma constante as situações (que, na análise, se concluem serem procuradas por ele) nas quais termina “injustiçado” e “sem sorte”. Exemplo disto foi uma divisão de horários de folga que ele e seus sócios fizeram. Apresentou-se, na reunião em que o assunto foi decidido, como não tendo preferência, apesar de poder reivindicar prioridade devido ao grande número de cotas da sociedade, que possui. No final, coube-lhe um dia da semana inadequado, pois tem outro compromisso na cidade neste dia, o que resultou em



ter todo seu tempo ocupado com algum trabalho, enquanto que outro sócio, mais novo e com menos cotas, pediu e conseguiu os sábados.

Quando conta suas desditas nas sessões, é evidente, e ele próprio o constata, que experimenta prazer ao sentir-se “coitado”, “marcado”. Estes termos (coitado, marcado), também os emprega habitualmente quando se refere às suas origens. Seu pai é uma pessoa que sempre foi muito distante; pouco carinho lhe dispensou, coisa que o paciente lastima até hoje.

Esta busca repetitiva da desgraça e o prazer consequente, entretanto, mostraram-se uma reedição das gratificações que procurava e obtinha de sua mãe quando pequeno. Com efeito, o pai era uma figura escondida, ausente e ele se sentia “desgraçado”, o que era contrabalançado pela figura constante de sua mãe consolando-o e, de seios à mostra, compensando a dor que ele sentia.

Em sua vida ulterior, ao sentir-se “injustiçado” e compadecendo-se de si próprio e, a seguir, alegrando-se com isso, fica sendo, ao mesmo tempo, a criança “vítima do destino”, a mãe gratificadora e a criança gratificada.

No tratamento, constatou, surpreso consigo mesmo, que, sempre que se aproxima do consultório, precisa repetir para si próprio a convicção de ser desgraçado (mesmo que não haja no momento uma razão concreta para isto). Afora o caráter propiciatório de tais ideias, o prazer que lhes advém da desgraça deriva da certeza (construída para si) de que me terá, mãe interessada por ele, com seios-interpretações a mostra para lhe dar. Exorciza, também deste modo, o grande medo que sente de um dia vir a ter alta e ficar “criança abandonada”, o que ocorreria fatalmente, segundo ele, se pudesse aceitar suas melhores-crescimento. Em outras ocasiões, compara seus problemas repetitivos com os males de uma pessoa cancerosa (o que lhe dá a segurança de que o analista-mãe nunca o deixará só).

No exame do material apresentado pelo paciente, ficou evidenciado que o sofrimento não representa o objetivo final, mas sim o meio de conseguir um seio imprescindível fantasiado, que se oferece a ele somente quando a dor está presente. O sofrimento provém da repetição pelo ego da mesma tentativa inadequada de superar o conflito. O prazer pelo sofrimento (procurado ou construído na fantasia) é o prazer pela antecipação da gratificação (seio) que obtém quando se coloca no papel de filho abandonado e sofredor. Este comportamento reiterado exterioriza também a impossibilidade de desligamento do objeto falsamente bom, mas que, de fato, o impede de crescer e de viver de forma autônoma.

O caso apresenta, em torno da conduta do paciente, a possibilidade de serem detectadas finalidades contraditórias, mas não excludentes. Há um prazer como meta, derivado da gratificação conseguida ainda que somente na fantasia



e, ao mesmo tempo, uma manifestação (repetida compulsivamente) de extrema dependência ao objeto primário enganador.

Caso “C”

A paciente é uma pessoa inteligente e culta, com razoável sucesso profissional. Na esfera afetiva, contrastando, registra-se uma repetição de fracassos com características semelhantes entre si. Seu primeiro casamento foi realizado com um homem sem grandes brilhos intelectuais e descuidado, não apenas com sua aparência, mas até com a higiene pessoal (o oposto da paciente). Antes de estabelecer o vínculo oficial com ele, a paciente fora alertada das discrepâncias e dificuldades de tal compromisso. Não deu ouvidos aos conselhos, afirmando que saberia e poderia transformá-lo em alguém de valor, como ela se considera.

Viveram por algum tempo juntos, de uma forma por ela classificada de “autossuficiente”: diminuíram de maneira drástica os contatos sociais para que – objetivo dela – pudessem construir um ambiente agradável onde um bastaria ao outro. Alegando que o marido fazia muito ruído ao dormir, fez com que ele mudasse de quarto e as relações sexuais praticamente cessaram devido a que ela, que já não tinha prazer, passara a sentir raiva consciente do marido que não realizara o que ela esperava dele. Como o marido não mudasse a forma de ser e de viver, a separação foi apenas questão de tempo e não lhe ocasionou depressão maior.

Pouco depois, conheceu um rapaz bem mais moço que ela, com várias relações amorosas anteriores fugazes (inclusive com pessoa conhecida da paciente). Era patente a dificuldade de ele se ligar a alguém mais que por um período breve. Era um homem imaturo que não parava nos empregos, morava na casa de um irmão e que, a despeito de alguma cultura, não terminara curso algum que lhe proporcionasse estabilidade profissional. Outra vez a paciente disse que consigo seria diferente, conseguiria modificá-lo segundo seus padrões pessoais.

Repetiu-se a separação, como no primeiro casamento. Ainda que contrariada com o desenlace, afirmava que isto não era o final de tudo e sim um simples afastamento passageiro; promoveu novos encontros entre ambos, infrutíferos, mas guardando a convicção que, no fim, iria triunfar.

A seguir, interessou-se por um solteirão bem situado intelectual e financeiramente. Algumas amigas lhe disseram que ele seria homossexual; ficou em dúvida, mas não recuou. Este parceiro – como o anterior – lhe declarou que não estava interessado em manter relação duradoura com mulher alguma, prezava



muito a sua liberdade. Além disto, a suspeita de homossexualidade revelou-se mais que simples suspeita. A despeito das experiências passadas, ela persiste porque, declara, no fundo tem convicção que é mais forte que todas essas coisas e que conseguirá o que foi impossível até agora para as demais mulheres.

É filha única e, de parte de seus pais, obtinha reforço constante de seu convencimento a respeito de si mesma. Desde pequena achava natural que seus pais não tivessem outros filhos. Com sua mãe, tem um relacionamento no qual esta funciona mais como um prolongamento seu (relação que tenta reviver com os homens) e vice-versa. Extremamente dependente da mãe e exclusivista (como visa reeditar com os companheiros), nega sua necessidade dela, explicando que são amigas, por isso estão sempre juntas. Não consegue explicar, contudo, por que ambas excluem o pai.

No tratamento, contraria-se porque não digo o que ela esperava. Malgrado quaisquer evidências que as interpretações possam ter, declara que “não era bem assim” como eu lhe dizia, ou que eu não podia prever o fracasso de uma relação só porque as outras não tinham ido adiante. Fica bem claro que sonha reatar com os companheiros anteriores para mostrar que ainda irá atingir as modificações que determinara para eles. Na verdade, não acredita que os casos tenham terminado definitivamente.

As conseqüências do comportamento repetitivo nesta pessoa são claras e antecipáveis (para todos, menos para ela): fracasso após fracasso. Visto que, narcisicamente, o fracasso é negado, não consegue utilizar uma experiência que, para ela, em sua realidade particular, não existe simplesmente. Negando sua derrota, preserva precariamente a autoestima e episódios idênticos são recriados sem fim. Tenta superar o conflito repetindo um esquema onipotente, inadequado, de solução.

Entendo a sua conduta como uma necessidade narcísica muito intensa, inacessível e incapaz de modificação pelo resultado da experiência (que é negada). Repete em seus relacionamentos atuais, de forma inalterada, a fórmula onipotente que funcionou com o objeto primitivo. Identifica-se com a mãe idealizada, procura preservar a relação com ela, o que, na vida real, apenas serve para repetir as escolhas malogradas de companheiros. Não realiza seus objetivos – embora negue os reveses – e o prazer narcísico também não é alcançado totalmente, permanecendo antes como meta almejada e perseguida sem fadiga. Neste contexto, o analista é alguém que a irrita porque quebra o esquema e a ameaça com o confronto da realidade e depressão conseqüente. É evidente que existem outros conflitos, defesas e fantasias em jogo, mas, para a finalidade do exemplo, no que



foi pesquisado observou-se muito bem que a meta não era realmente o sofrimento pelo sofrimento, mas sim a repetição pela necessidade em si de repetir.

Mesmo considerando o pequeno número de casos, nos três exemplos a repetição pode ser imputada a causas múltiplas. Consta-se a participação ativa do ego em todos os casos. A patologia foi decorrente não das repetições em si, mas do fato de estarem sendo repetidos tanto os conflitos neuróticos como os modos inadequados de tentar resolvê-los. O normal seria a repetição não no sentido de reeditar a fixação patológica ao conflito, e sim no sentido de superar as consequências, buscando ou mantendo adaptações mais sadias e adequadas, como se observa em análises bem-sucedidas.

Nos casos clínicos apresentados, as repetições puderam ter seu significado compreendido sendo levada em conta a atividade do ego e a relação de objeto envolvida no momento. O inverso também foi considerado: a impossibilidade de serem compreendidas relações objetais sem a noção de que estava havendo a reedição de um fenômeno. Se a compulsão à repetição manifestasse a ação de um instinto de morte, seria carente de significados, representações e, como consequência, seria inanalizável.

V. Breves considerações finais

Procurei até agora, nas diversas seções deste trabalho, acompanhar a revisão bibliográfica e os exemplos clínicos com comentários que julguei pertinentes. Cabem, entretanto, como decorrência de tudo o que foi explanado, mais algumas palavras a título de fecho.

O pensamento especulativo de Freud (1920), relacionando a compulsão à repetição com o instinto de morte poderia ter sido aceito provisoriamente, pois a busca da verdade científica não é, em absoluto, oposta à especulação. Os postulados científicos, no entanto, apesar de que não tenham sido comprovados, devem deixar aberta esta possibilidade. No presente caso, isto não se verifica: permanece como uma proposição que não pode ser confirmada. Julgo que não se deve ignorar indefinidamente o fato clínico em favor da especulação. Se, depois de tempos de investigação, com o acréscimo de dados empíricos, uma especulação não pode ser transformada em hipótese científica, deve ser abandonada.

Uma explicação satisfatória para os fenômenos repetitivos dificilmente poderá ser unitária; várias forças e motivações colaboram para a manifestação repetitiva final. Não é possível ser usada a analogia biológica pura simples, já que



na teoria psicanalítica o termo *Trieb* não é coincidente com os *instintos* animais. É muito difícil tentar reduzir a compreensão dos fenômenos ligados à repetição a expressões instintivas elementares, como nos animais. Mais difícil ainda se torna a utilização de modelos físicos, mecanicistas. No homem, as repetições – mesmo as compulsivas – se devem a fatores mais complexos, entre os quais o envolvimento das estruturas (de modo especial, do ego) e as relações de objeto. Para mim, o exemplo clássico de Freud, *o jogo do carretel*, torna-se muito mais elucidativo quando, em sua compreensão, também é levada em conta a relação de objeto do menino com sua mãe.

O próprio Freud, como tivemos ocasião de ver na seção II, embora não tenha repudiado suas formulações de 1919/1920 sobre a compulsão à repetição, passou a salientar cada vez mais a função ego no fenômeno, o que também pode ser verificado na significativa maioria dos autores consultados por mim, bem como no material clínico que transcrevi como ilustração.

Uma vez estabelecido certo padrão de funcionamento, as estruturas tendem a repeti-lo. O ego, particularmente, repete as condições de conduta, reações e mecanismos de defesa e ainda suas relações de objeto características. Além disto, contudo, o ego tem uma capacidade (em que pese, lenta) de modificação e de adaptação às novas condições que lhe forem impostas ou que se tornaram necessárias para o domínio da ansiedade.

O trauma externo não é um disparador automático, único, de reações repetitivas. É igualmente importante que sejam considerados (como Freud salientou) os traumas ligados às fantasias inconscientes que tendem à repetição. Esta repetição, insisto, acha-se vinculada às primitivas relações de objeto do ser humano, cujo protótipo é a relação com o seio, como exemplifiquei nos casos clínicos descritos na seção IV.

Na transferência é provocada não só a repetição de impulsos infantis edípicos fracassados (Freud, 1920), como ainda é ensejada a renovação de fantasias primitivas da relação objetual e das trocas mãe-filho e pai-filho; finalidade a serviço do princípio de realidade. Na resolução da neurose de transferência pela análise, consegue-se que as repetições neuróticas cessem (ou, pelo menos, se atenuem). Abolindo-se o conflito patológico original, cessa aquela repetição compulsiva, como a prática permite verificar. Se a origem da repetição na neurose de transferência e nas neuroses em geral residisse no instinto de morte, ela não poderia ser compreendida e não seria acessível a nenhuma influência terapêutica. Quando, no decurso de um tratamento, surgem material ou condutas incompreensíveis, é mais adequado considerar-se isto como incapacidade de o analista captar a mensagem e não como afirmação que o observado é carente de significado,



manifestação do instinto de morte. Mesmo atitudes caracterológicas trazem atrás de si a história do paciente.

Durante a análise, procurando superar as ansiedades referentes às suas relações objetais, o ego pode lançar mão da repetição como um intento de cura. Isto também é observado no trabalho de luto, onde uma compulsão à repetição é registrada com o objetivo de superar as consequências traumáticas e não apenas como uma repetição da fixação patológica no conflito. No luto não elaborado convenientemente, o juízo de realidade não chega a predominar e o ciclo se perpetua nas tentativas malogradas de atingi-lo. O que caracteriza a patologia não é a compulsão à repetição no luto e sim o insucesso da elaboração.

As repetições são observadas no dia-a-dia, em qualquer lugar e, portanto, não é nada surpreendente que também se façam presentes na clínica. Torna-se, contudo, uma especulação forçada atribuí-las, mesmo em parte, a uma especial *compulsão à repetição*, onde a expressão carregue consigo o selo da fatalidade. A explicação proposta por Freud em 1920 não é clinicamente necessária. Na clínica, as repetições – incluindo-se aí também os automatismos repetitivos – traduzem uma atividade ego; não encontrei justificção convincente (clínica e teórica) para serem encaradas como algo instintivo *demoníaco*, cuja meta final seria o sofrimento e a morte.

A experiência clínica mostra que há uma repetição tanto de conflitos neuróticos não resolvidos quanto de adaptações sadias. Lembro aqui, a propósito, Bibring (1943) quando insiste na existência de repetição compulsiva (biológica e psicológica) de experiências muito fortes, sem consideração de prazer ou de dor, e Loewald (1971) que alerta para o fato de que a tendência à repetição atinge tanto atividades do processo primário quanto do processo secundário.

Quando uma repetição compulsiva está presente, em situações que levaram Freud a pensar em um princípio além do princípio do prazer, admite outras possíveis explicações que ponham em evidência o trabalho do ego (tentativas de domínio, integração, elaboração, reedição de relações de objeto, etc). Desde o trabalho de Kubie de 1939 até nossos dias – com as pesquisas mais amplas sobre a atividade ego – essas explicações foram formuladas e apoiadas pela prática clínica. O ego utiliza ou aciona a possibilidade da repetição com o intuito de dominar ou manejar melhor as ansiedades e também com fins de aprendizado e amadurecimento, vale dizer, para obter ou manter adaptações sadias. □



Abstract

A study of repetitive phenomena and the repetition compulsion

The author reviews the concept of compulsion to repetition in Freud's work and in some post-Freudian authors who addressed the subject, considering the changes of its meaning, in Freud as much as other authors and also the relation with repetitive phenomena: he views two moments in Freud's work and some contained contradictions addressing this issue. He also discusses their implications in theory as well as in the current and past psychoanalytical techniques giving some clinical examples.

Keywords: Compulsion to repetition. Instinct. Death instinct. Pleasure principle. Ego. Trauma.

Resumen

Un estudio sobre fenómenos repetitivos y la compulsión a la repetición

El autor revisa el concepto de compulsión a la repetición en la obra de Freud y de algunos autores post freudianos que enfocaron el tema, tejiendo consideraciones acerca de los cambios de su significado, tanto en Freud como en los demás, bien como su relación con otros fenómenos repetitivos. Subraya dos momentos en la obra freudiana en lo que se refiere al concepto y algunas contradicciones contenidas en Freud y en los autores posteriores al enfocar ese tema. Discute también sus implicaciones tanto en la teoría como en la técnica psicoanalíticas en el pasado y actualmente, agregando ejemplos clínicos.

Palabras llaves: Compulsión a la repetición. Instinto. Instinto de muerte. Principio del placer. Ego. Trauma.

Referências

- BIBRING, E. (1936). El desarrollo y los problemas de la teoría de los instintos. *Rev. Psicoanálise*. v. 27, p. 831-66.
- _____. (1943). The conception of the repetition compulsion. *Psychoanal. Quart.*, v. 12, p. 486-519.
- COHEN, J. (1980). Structural consequences of psychic trauma: a new look at "beyond the pleasure principle". *Int. J. Psychoanal.* v. 61, p. 421-432.
- FENICHEL, O. (1957). Teoría psicoanalítica de las neurosis. Buenos Aires: Nova.



- FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. 5. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. (1912). A dinâmica da transferência. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. (1914). Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise). In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. (1917-15). Luto e melancolia. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. (1919). O estranho. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. (1920). Além do princípio do prazer. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. (1923). O ego e o id. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. (1924). O problema econômico do masoquismo. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. (1926). Inibições, sintomas e ansiedade. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. (1930). O mal-estar na civilização. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. (1931). Sexualidade feminina. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. (1932-33). Novas conferências introdutórias. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. (1937). Análise terminável e interminável. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. (1938-40). Esboço da psicanálise. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. (1939). Moisés e o monoteísmo. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- GIFFORD, S. (1964). Repetition, compulsion (Panel Report). *J. Amer. Psychoanal. Assn.* v. 12, p. 632-49.
- GOMEZ, E. (1978). Sobre el instinto de muerte y la agresión. *Rev. Soc. Col. Psicoan.* v. 3, p. 165-189.
- HALEVI, H. (1978). Fixation processes as illuminated by war psychopathology. In: *The Annual of Psychoanalysis*. v. 6, New York: Int. Univ., p. 247-256.
- HARTMANN, H. (1939). *Ego psychology and the problem of adaptation*. New York: Int. Univ., 1964.
- HEILBRUN, G. (1979). Biologic correlates of psychoanalytic concepts. *J. Amer. Psychoanal. Assn.* v. 27, p. 597-626.
- HEIMANN, P. (1962). Notas sobre la teoría de los instintos de vida y de muerte. In: KLEIN, M. *Desarrollos en psicoanálisis*. Buenos Aires: Hormé, p. 279-91.
- JONES, E. (1959). *Vida y obra de Sigmund Freud* (3 vols). Buenos Aires: Nova.
- JOSEPH, B. (1959). An aspect of the repetition compulsion. *Int.J. PsychoAnal.* v. 40, p. 213-22.



Romualdo Romanowski

- KESTENBERG, J. S. (1980). Psychoanalysis of children of survivors from the holocaust: case presentations and assessment. *J. Amer. Psychoanal. Assn.*, v. 28, p. 775-804.
- KLEIN, M. (1926). Principios psicológicos del análisis infantil. In: *Contribuciones al Psicoanálisis*. Buenos Aires: Hormé, p. 127-136.
- _____. (1927). Tendencias criminales en niños normales. In: *Contribuciones al Psicoanálisis*. Buenos Aires: Hormé, p. 165-78.
- _____. (1932). *The psychoanalysis of children*. Londres: Hoggart.
- _____. (1940). El duelo y su relación con los estados maniacodepresivos. In: *Contribuciones al Psicoanálisis*. Buenos Aires: Hormé, p. 279-302.
- _____. (1952). The origins of transference. *Int. J. Psychoanal.* v. 33, p. 433-8.
- _____. (1957). Envidia y gratitud. In: *Las emociones básicas del hombre*. Buenos Aires: Hormé, 1960.
- KUBIE, L. S. (1939). A critical analysis of the concept of a repetition compulsion. *Int. J. Psychoanal.* v. 20, p. 390-402.
- LAGACHE, D. (1956). El problema de la transferencia. *Rev. Uruguaya de Psicoanál.* v. 1, p. 217-248; 367-421; 521-569.
- LOEWALD, H. W. (1971). Some considerations on repetition and repetition compulsion. *Int. J. Psychoanal.* v. 52, p. 59-66.
- ROBERT, M. (1966). *The psychoanalytic revolution*. New York: Harcourt, Brace & World.
- SCHUR, M. (1966). *The id and the regulatory principles of mental functioning*. New York: Int. Univ.
- _____. (1972). *Freud: living and dying*. New York: Int. Univ.
- STEPANSKY, P. E. (1977). *A history of aggression in Freud*. New York: Int. Univ.

Recebido em 26/07/2011

Aceito em 08/08/2011

Revisão técnica de **Manuel José Pires dos Santos**

Romualdo Romanowski

Av. Ijuí, 86/403

90460-200 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: r.romanowski@hotmail.com

© Revista de Psicanálise – SPPA